



Antes do cabo: as agências de notícias na imprensa brasileira no período pré-telegráfico (1851-1874)¹

Pedro AGUIAR²

Resumo:

O artigo resgata a história do uso do material de agências de notícias na imprensa brasileira antes da instalação do cabo telegráfico submarino de 1874, que frequentemente é tomada como marco inicial para a atuação dessas empresas no país. Recorrendo a buscas textuais no acervo da Hemeroteca Digital Brasileira, da Biblioteca Nacional, o levantamento propõe uma nova datação para a relação entre jornais e agências no Brasil, retrocedendo a 1851, com as primeiras menções a uma agência de notícias na imprensa brasileira (a austríaca KKTK), e intensificando-se em 1854, na cobertura da Guerra da Crimeia. No intervalo desde então até a instalação do cabo, foram identificadas mais de 500 citações a despachos de agências de notícias europeias (Havas, Reuters, Stefani, Fabra, Lejolivet) e uma norte-americana (Associated Press) nos jornais digitalizados. A pesquisa, assim, contesta a datação convencional na historiografia canônica da imprensa no Brasil e propõe uma perspectiva de evolução gradual, e não repentina, da influência das agências sobre os jornais brasileiros.

Palavras-chave: agências de notícias; jornalismo de agências; história do jornalismo; história da imprensa no Brasil.

Before the cable: news agencies in the Brazilian press in the pre-telegraphic era (1851-1874)

Abstract:

The paper recovers the history of the use of news agency copy in Brazilian newspapers before the South Atlantic submarine cable was laid in 1874, which is often taken as the onset of those companies' operation in Brazil. By resorting to full-text search in the repository of the Hemeroteca Digital Brasileira (digital press archives) of the National Library of Brazil, this survey proposes a new dating for the relation between newspapers and news agencies in Brazil, pushing back to 1851, when the first wire copy sent by a news agency (namely, KKTK from Austria) was quoted in the Brazilian press, and intensifying in 1854, during the coverage of the Crimean War. In the interval of time since then until the laying of the submarine telegraphic cable, more than 500 quotes to wire copy produced by news agencies from Europe (Havas, Reuters, Stefani, Fabra, Lejolivet) and one from the United States (Associated Press) were located in the digitized newspapers. This research, thus, questions the dating that is currently agreed in the canon historiography of Brazilian press and proposes an evolutionary perspective, gradual, not sudden, to assess the influence of news agencies on Brazilian newspapers.

Keywords: news agencies; news agency journalism; history of journalism; history of the Brazilian press.

¹ Este artigo foi produzido no âmbito do projeto de pesquisa “História das Agências de Notícias Brasileiras e das Agências de Notícias Estrangeiras no Brasil”, conduzido na Universidade Federal Fluminense (UFF).

² Jornalista, professor de Jornalismo do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense (IACS/UFF) e professor-colaborador do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano (PPGMC/UFF). Doutor em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). *E-mail:* pedroaguiar@id.uff.br.





Antes del cable: agencias de noticias en la prensa brasileña en el período pretelegráfico (1851-1874)

Resumen:

El artículo recobra la historia del uso de textos de agencias de noticias en la prensa brasileña antes del tendido del cable telegráfico submarino de 1874, frecuentemente tomado como fecha inicial para la actuación de esas empresas en Brasil. Recurriendo a búsquedas textuales en el archivo de la Hemeroteca Digital brasileña, de la Biblioteca Nacional de Brasil, la encuesta propone una nueva datación para la relación entre periódicos y agencias en el país, retrocediendo a 1851, con las primeras menciones a una agencia de noticias en la prensa brasileña (la austriaca KKTK), e intensificándose en 1854, en la cobertura de la Guerra de Crimea. En el intervalo temporal desde entonces hasta la instalación del telégrafo submarino, se han identificado más de 500 citas a cables de agencias de noticias europeas (Havas, Reuters, Stefani, Fabra, Lejolviv) y una norteamericana (Associated Press) en los periódicos digitalizados. La investigación, así, pone en jaque al fechado consensuado en la historiografía canónica de la prensa en Brasil y propone una perspectiva de evolución gradual, no repentina, de la influencia de las agencias sobre los periódicos brasileños.

Palabras clave: agencias de noticias; periodismo de agencias; historia del periodismo; historia de la prensa en Brasil.

A história das agências de notícias no Brasil ainda não foi devidamente contada. Embora Molina (2015, p. 400-429) faça um esboço importante como capítulo anexo de sua obra geral sobre os jornais, a historiografia da imprensa brasileira carece de uma narrativa completa que seja fruto de pesquisa aprofundada no tema. As poucas menções feitas sobre o setor das agências em compêndios sobre a história da imprensa no Brasil (BAHIA, 1960, p. 55; WERNECK SODRÉ, 1966, p. 247; BARBOSA, 2010, p. 117) concordam em situar o ponto inicial dessa trajetória na inauguração do cabo telegráfico submarino do Atlântico Sul, que ligou o Brasil a Portugal (especificamente, a cidade do Recife à praia de Caravelos, perto de Lisboa) e, por extensão, a América do Sul à Europa, em 22 de junho de 1874.

A pesquisa aqui apresentada contesta essa datação para o início das citações aos textos de agências estrangeiras na imprensa brasileira, para o qual igualmente aparecem datas contraditórias. Além do erro de data encontrado em Werneck Sodré (1966, p. 247³; o autor indica o dia 1º de agosto de 1877 como a publicação da primeira notícia da Havas no *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, quando o certo seria 1874), a maioria dos autores tende a supor que as notícias de agências só começaram a aparecer nos jornais brasileiros a partir do fornecimento do serviço regular e da instalação do duopólio franco-britânico Havas-Reuters sobre o território sul-americano, em 1874.

³ Nas edições mais recentes, lançadas pela Editora Mauad, esta menção está na página 215.



Mas um exame no acervo da Hemeroteca Digital Brasileira – digitalizada pela Biblioteca Nacional e disponibilizada gratuitamente desde 2012 –, doravante referida como HDB, permite constatar que desde mais de 20 anos antes já havia aproveitamento de material de agências de notícias na imprensa nacional, ainda que recebido por via indireta, publicado em jornais estrangeiros que chegavam aos portos brasileiros.

Contexto das agências de notícias e dos jornais brasileiros (1835-1874)

Antes de se consolidar o termo “agência de notícias”, tais serviços eram referidos em meados do século XIX como “telegraphia privada” ou “correspondência particular” (em francês, *correspondance privée*). Até por volta de 1860, o termo usado nos jornais para o serviço de agências era “correspondências”, de forma indistinta dos outros materiais que chegavam às redações por carta. Na França, onde o jornalismo de agências surgiu, essas antecedentes das agências de notícias eram denominadas *correspondances*. Em 1811, ainda no reinado de Napoleão, um alemão exilado em Paris fundou o *Bureau Bornstein*⁴, que seria sucedido em 1831 pela *Correspondance Garnier* (RANTANEN, 2009, p. 30). Na década de 1830, já havia todo um setor de escritórios de tradução de textos de jornais estrangeiros: a *Correspondance de Paris*, a *Correspondance Degouve-Denainques*, a *Correspondance Lejolivet*⁵, a *Correspondance Politique*, a *Correspondance Delaire* e a *Correspondance Bullier*, além da *Garnier*⁶. Foi esta última que Charles-Louis Havas comprou em 1832 e renomeou como *Agence de Feuilles Politiques et*

⁴ A bibliografia disponível não registra com certeza, mas há chances de o fundador dessa precursora das agências de notícias ter sido Franz Sigmund Börnstein (?-1829), comerciante católico. Seus filhos Heinrich e Karl Börnstein fundariam, em 1843, a *Französische Correspondenz* ou *La Correspondance Française*, um serviço noticioso sediado em Paris e voltado para jornais de língua alemã, mantido por exilados prussianos na capital francesa. Os irmãos fizeram parte do círculo social de Karl Marx, compatriota também exilado em Paris no final do reinado de Luís Filipe.

⁵ Oficialmente, chamava-se *Office-Correspondance pour les Journaux Français et Étrangers et pour les Affaires en Fonds Publics à la Bourse de Paris* e, depois, *Correspondance des Journaux Ministériels des Départements*. Foi fundada em 1830 por Jacques Bresson, editada por Charles Lejolivet (por cujo nome passou a ser conhecida) e também era citada pelos jornais brasileiros (BRESSION, 2017, p. 60; ALBERT; FEYEL; PICARD, 1977, p. 155).

⁶ Além dessas, todas estabelecidas na primeira metade do século XIX, durante o reinado de Luís Filipe (“monarquia de julho”), houve ainda, no Segundo Império de Napoleão III (1852-1871) e na Terceira República francesa (1871-1940), a *Correspondance Leymarie*; a *Correspondance Athenæum*, de Guyot-Daubès; a *Correspondance Helvétique*, de Louis Maçon; a *Grande Correspondance* e a *Petite Correspondance*; a *Correspondance Conservatrice*, de Pierre-Paul Bertucci; a *Correspondance Départementale*, de B. Casta-Livio; a *Correspondance Française*, de Jean Magnir; a *Correspondance Catholique*; a *Correspondance de Lavigerie*; a *Correspondance Méditerranéenne*; a *Correspondance Coloniale*, de E. Tuou, A. Gayar, G. Landaut e Charles Guillemot; e a *Correspondance d’Afrique*.

Correspondance Générale ou *Bureau de Nouvelles*. Segundo Frédérix (1959, p. 21), todas prescindiam de tipografia, produzindo folhas manuscritas de traduções.

A principal diferença das *correspondances* para as agências de notícias era que as primeiras funcionavam apenas como escritórios de tradução, não de distribuição. A inovação de Charles Havas foi, além de traduzir, montar um sistema para distribuir os textos, no formato de boletins, pelas redações parisienses. Também fornecia a qualquer assinante que tivesse interesse em notícias rápidas chegando do exterior, o que atraiu negociantes de ações na bolsa de valores. Havas reformou sua empresa e deu a ela seu próprio nome, *Agence Havas*, reinaugurando-a em 22 de outubro de 1835 – dez dias depois da posse de Diogo Feijó no cargo de regente uno do Brasil. Este é considerado o marco fundador do jornalismo de agências. Em poucos anos, especialmente com o uso comercial do telégrafo elétrico, a partir de 1845, Havas conquistou como clientes os maiores investidores financeiros e os principais jornais de Paris.

Em 1849, o jornalista e polemista prussiano Bernhard Wolff, que trabalhara com Havas por um curto período durante seu exílio em Paris, voltou a Berlim e fundou a *Telegraphische Correspondenz-Bureau*, mais conhecida pelo seu sobrenome: Agência Wolff. No mesmo ano, o crítico teatral Joseph Tuvora fundou em Viena a *Österreichische Correspondenz*, ou “Correspondência Austríaca”, também chamada de *Telegraphen-Korrespondenz Bureau*, ou *Korrburo*, subsidiada pelo governo e sob os auspícios do príncipe Metternich. Dez anos mais tarde, ela seria estatizada e rebatizada como *Kaiserlich und Königlich Telegraphen-Korrespondenzbureau*, desde então conhecida pela sigla KKTK (RANTANEN, 2009, p. 94).

Em 1851, foi a vez de outro ex-funcionário de Havas, nascido Israel bere Josaphat, filho do rabino de Cassel, em Hesse, e convertido ao cristianismo protestante (luterano) com o nome de Paul Julius Reuter, fundar a *Mr. Reuter's Submarine Telegraph Office*, que logo perderia o apóstrofo para ser conhecida como a Agência Reuters (PALMER, 2019, p. 15).

Os serviços das primeiras agências e *correspondances*, concentradas na França, espalharam-se pela Europa no período pós-napoleônico, mas demoraram a cruzar o Atlântico, ainda mais para a América Latina, afetada por guerras e disputas internas posteriores ao período das independências (das quais a imprensa, então nascente, participou como porta-voz de um ou

outro lado em conflito)⁷. De fato, no período regencial (1831-1840) e nos onze primeiros anos do Segundo Reinado (1840-1889), não se localizam menções a agências de notícias ou *correspondances* nos textos digitalizados dos jornais brasileiros disponíveis na HDB.

Na primeira metade do Segundo Reinado, passadas as agitações do período regencial e antes da Guerra do Paraguai, a imprensa brasileira viveu relativa estabilidade, com predomínio de alguns grandes jornais diários em cada província, mais longevos e menos efêmeros que seus antecessores (BAHIA, 2009, p. 81). Na Corte Imperial, entre as décadas de 1850 e 1870, a liderança era dividida entre o *Diário do Rio de Janeiro* e o *Jornal do Commercio*. Em São Paulo, desde 1854 rodava o *Correio Paulistano*, que em 1865 ganhou a companhia do *Diário de São Paulo*. Em Pernambuco, saíam o *Diário de Pernambuco*, o *Jornal de Recife* e *O Liberal Pernambucano*. No Maranhão, circulavam o *Publicador Maranhense*, o *Diário do Maranhão* e *A Imprensa*. E, enquanto Porto Alegre lia *O Mercantil* desde 1849, Salvador tinha o *Diário da Bahia* desde 1856.

Todas essas folhas trocavam notícias entre si e republicavam jornais estrangeiros recebidos por navios. Por vezes, tais publicações da Europa e da América eram citadas nominalmente, mas na maioria dos casos o aproveitamento era apócrifo – mesmo que, no ordenamento jurídico de então, não houvesse ainda razões para os editores se preocuparem com *copyrights*. A prática de compilar e reproduzir textos de outros jornais era recorrente no século XIX, nos EUA (MOLINA, 2015, p. 377) e no Brasil (BARBOSA, 2010, p. 62; MATHEUS, 2011, p. 8), e, nesse processo, reproduziam-se igualmente as fontes utilizadas pelas publicações originais. Passada a etapa das folhas panfletárias, os jornais do Segundo Reinado investiam em mais conteúdo informativo, no que Werneck Sodré (1966, p. 210) chama de fase da “imprensa política e literária”.

Logo, a grande imprensa capitalista compreendeu, também, que é possível orientar a opinião através do fluxo de notícias; as associações especializadas em colhê-las, prepará-las e distribuí-las facilitaram o trabalho dos jornais, quando o custo dos serviços telegráficos se tornou proibitivo para cada um, isoladamente, e conflitante com a necessidade de baixo preço unitário para a

⁷ Citem-se, entre essas guerras latino-americanas de meados do século XIX, a Guerra Civil Chilena (1829), a Guerra dos Farrapos (1835-1845), a Guerra da Confederação entre Peru-Bolívia e Chile (1836-1839), a Guerra Grande no Uruguai (1839-1851), a Guerra Mexicano-Americana (1846-1848), a Guerra da Reforma no México (1857-1861), a Guerra Federal na Venezuela (1859-1863), a Guerra Civil Colombiana (1860-1862), a Guerra Franco-Mexicana (1861-1867) e a Guerra do Paraguai (1864-1870).



venda avulsa. A partir do início da segunda metade do século XIX, o problema estava na luta entre essas agências de notícias que, adiante, seriam associadas aos monopólios industriais em ascensão [sic], e terminariam concentrando-se, como aqueles. (WERNECK SODRÉ, 1966, p. 4)

Por essa altura, os jornais de Paris já assinavam os serviços da Havas; os londrinos, os da Reuters; e os de língua alemã, os da Wolff e da KKTK. Na América do Norte, os jornais de Nova York eram associados na *Harbor News Association* (1846-1857), antecessora da *New York Associated Press* e da *Western Associated Press* – que, de 1892 em diante, seriam uma só Associated Press. Com isso, os jornais brasileiros que recebiam tais publicações pelo correio marítimo tinham acesso ao material das agências de notícias neles publicados, anos antes de passarem a receber notícias pelo telégrafo.

O cabeamento do território brasileiro por fios de telégrafo elétrico começou tímido e demorou 15 anos a deslanchar. A primeira linha foi instalada em 1852, no Rio de Janeiro, ligando a residência do imperador até o quartel-general do Exército, com o motivo oficial de facilitar a fiscalização de desembarques de novos indivíduos escravizados trazidos da África (o que era ilegal desde 1850). Em junho de 1864, o governo imperial criou a Repartição dos Telégrafos (renomeada, em 1881, como Repartição-Geral dos Telégrafos, ou RGT) para gerir a expansão da rede telegráfica (GABLER, 2016), provavelmente motivado pela necessidade de atualização a longa distância durante os acontecimentos no Uruguai⁸. Seis meses depois, com o início da Guerra do Paraguai, ganha impulso o cabeamento da costa brasileira, primeiro na direção sul, por São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, em 1866 (SILVA; MOREIRA, 2013, p. 227-230); depois, entre 1866 e 1873, a linha segue mais lentamente para o norte, até alcançar Belém e capitais nordestinas (Salvador, Maceió e Recife) no mesmo ano. A expansão da rede telegráfica continental pelo interior, impulsionada pela ferrovia (tendo o Barão de Mauá e sócios ingleses como principais promotores), se dá em paralelo, subindo a serra por Minas Gerais (Juiz de Fora e Ouro Preto, 1868; Paraíba do Sul e Barbacena, 1870),

⁸ Em maio de 1864, o governo brasileiro enviou o conselheiro José Antônio Saraiva a Montevidéu para tentar uma solução diplomática para a crise que opunha o então presidente Atanasio Aguirre ao ex-presidente (e general) Venancio Flores, já em franca rebelião armada desde o ano anterior. Com o fracasso das negociações, o Brasil decidiu intervir para derrubar o governo uruguaio, na chamada “Guerra contra Aguirre”, que por sua vez precipitou o ataque de Solano López, do Paraguai, contra o Brasil. A motivação para a expansão do telégrafo em direção ao sul, portanto, é anterior ao início da Guerra do Paraguai e tem a ver com o papel imperialista do Brasil na bacia do Prata. Mas, claramente, o conflito maior e mais longo (de 1864 a 1870) preponderou na decisão de estender os cabos até o extremo sul.



depois chegando a Curitiba (1871) e à cidade de São Paulo, em 1873 (SILVA; MOREIRA, 2007).

Portanto, quando o cabo submarino finalmente chegou, a infraestrutura de telecomunicações do Brasil já estava bem avançada. Certamente não era como a dos Estados Unidos, em que cada rincão a leste dos Apalaches já estava conectado (TELEGRAPHIA..., 14 ago. 1868, p. 2), mas já era uma rede respeitável para os padrões sul-americanos. Por isso, seria estranho supor que o material de agências, já recebido pelos navios a vapor (então chamados de “paquetes” na imprensa), só fosse citado a partir de 1874.

Um indício nesse sentido é apontado por Matheus (2012, p. 8), quando observa que “as colunas com o título ‘Telegramma’ se referiam a notícias nem sempre remetidas por eletricidade, mas na forma física como correspondência”. Para a autora, “a própria telegrafia já representava, em grande parte, a integração de dois meios [...]: a eletricidade e a ferrovia ou a eletricidade e o navio”.

Costuma-se marcar a gênese dessa relação tecnológica no momento da instalação do escritório da agência Havas no Rio de Janeiro em 1874. A partir de então, os jornais interessados poderiam comprar seus serviços telegráficos. Entretanto, nada garante que as pessoas já não usassem o meio de telecomunicação para trocar informações dentro do território nacional com o objetivo de publicação jornalística imediata. [...] Além disso, mesmo que haja, a informação “telegrama” pode enganar sobre a maneira como ele chegou à redação, podendo ter funcionado como correspondência física, não como transmissão elétrica. [...] Portanto, existe uma confusão entre a referência à Havas e a referência ao telégrafo. *É a partir da contratação dos serviços da Havas e não da instalação da telegrafia no Brasil que se colocaria o marco inicial dessa aceleração da rotina produtiva jornalística ou o contrário?* Perseguir essa resposta seria de grande valia para a história do jornalismo, embora nossa pesquisa esteja longe disso de dar conta disso. (MATHEUS, 2011, p. 3; grifo meu)

Aceitando a sugestão de pesquisa feita pela autora, o presente trabalho buscou investigar as datas, a forma e o ritmo com os quais a relação entre agências de notícias e imprensa brasileira foi sendo construída, pelo que passa, a seguir, à descrição do método empregado.

Metodologia

Para localizar o aproveitamento do material de agências de notícias estrangeiras na imprensa brasileira, primeiramente se fez um levantamento exploratório no acervo de jornais

digitalizados e com texto convertido por reconhecimento óptico (OCR) disponível na Hemeroteca Digital Brasileira (HDB) da Biblioteca Nacional. A busca inicial com os termos “Havas”, “Reuter” e “Reuters”, “Lejolivet” e “Lejollivet”, “Bullier”, “Associated Press”, “Stefani”, “Fabra” e “Correspondencia Austriaca” (sem acentos) retornou mais de 700 resultados em 74 jornais, divididos por décadas em que a busca na HDB é organizada (1850-1859, 1860-1869 e 1870-1879).

Com base no retorno inicial, foram filtrados os resultados que efetivamente diziam respeito a agências de notícias, citadas nominalmente nos textos dos jornais, e delimitando o fim do período pesquisado na data de instalação do cabo telegráfico submarino, 22 de junho de 1874. Verificados os resultados por esses filtros, restaram 587 ocorrências em 61 jornais, como disposto na Tabela 1 (na próxima página), em ordem decrescente do total de citações por periódico. Os resultados excluídos são erros do sistema de reconhecimento de caracteres (como “havia” em vez de “Havas”).

Quanto ao nome Reuters (que, antes da década de 1880, era mais usado sem o S, marcador de genitivo), é um sobrenome alemão comum, presente entre vários dos imigrantes que chegavam ao Brasil, motivo que forçou um filtro igualmente criterioso na pesquisa. O mesmo vale para os nomes Stefani e Fabra, sobrenomes dos criadores dessas agências e, igualmente, comuns entre italianos e espanhóis, respectivamente. Além disso, algumas das ocorrências, embora corretas, são de texto publicitário, não editorial, como os anúncios que a *joint-venture* Havas-Reuters publicou em vários jornais brasileiros entre junho de 1874 e o início de 1875 para atrair clientes para o serviço conjunto que as duas agências então inauguravam no país.

Cabe explicar que o sistema de busca textual da HDB organiza os resultados por página de jornal, e não por palavra. Isso significa que os números denotam a quantidade de páginas que contêm menção aos termos de busca em cada jornal, e não a quantidade de menções em palavras no texto. Assim, se um jornal citar a Havas várias vezes na mesma página, a HDB só considera uma “ocorrência” como resultado de busca⁹.

⁹ É relevante comentar que o sistema de busca da HDB apresenta falhas, seja por não atualizar o período ou os termos de busca quando solicitado (o usuário troca o escopo de busca e o sistema repete a busca anterior), seja por às vezes retornar resultados diferentes para a mesma busca com os mesmos operadores. Esses problemas reduziram o nível de confiabilidade, mas os resultados foram conferidos individualmente, um a um, pelo autor.

Tabela 1 - Jornais brasileiros que citavam agências de notícias antes do cabo submarino

Jornal (cidade, anos de atividade)	Número de citações a agências de notícias			
	1850-1859	1860-1869	1870-1874	Total
<i>Diário do Rio de Janeiro</i> (Rio de Janeiro, 1821-1878)	17	21	124	162
<i>Diário de Pernambuco</i> (Recife, desde 1825)	8	40	18	66
<i>Jornal do Commercio</i> (Rio de Janeiro, 1827-2016)	8	22	20	50
<i>Diário de S. Paulo</i> (São Paulo, 1865-1878)	0	2	37	39
<i>O Liberal Pernambucano</i> (Recife, 1852-1858)	27	0	0	27
<i>Correio Paulistano</i> (São Paulo, 1854-1963)	2	3	15	20
<i>Jornal de Recife</i> (Recife, 1858-1938)	0	5	14	19
<i>Correio Mercantil</i> (Rio de Janeiro, 1848-1868)	6	13	0	19
<i>Publicador Maranhense</i> (São Luís, 1842-1885)	4	6	4	14
<i>O Liberal do Pará</i> (Belém do Pará, 1869-1889)	0	0	12	12
<i>O Despertador</i> (Florianópolis, 1863-1883)	0	2	10	12
<i>O Cearense</i> (Fortaleza, 1846-1891)	2	2	4	8
<i>A Província</i> (Recife, 1872-1933)	0	0	8	8
<i>Diário de Belém</i> (Belém do Pará, 1868-1889)	4	3	0	7
<i>O Apóstolo</i> (Rio de Janeiro, 1866-1901)	0	1	5	6
<i>A União</i> (Rio de Janeiro, 1851-1856)	4	0	0	4
<i>O Constitucional</i> (Salvador, 1851-1864)	4	0	0	4
<i>O Publicador</i> (João Pessoa, 1862-1886)	0	3	0	3
<i>A Pátria</i> (Rio, 1856-1889)	0	2	1	3
<i>O Espírito-Santense</i> (Vitória, 1870-1889)	0	0	3	3
<i>Diário do Maranhão</i> (São Luís, 1855-1911)	1	0	1	2
<i>A Regeneração</i> (Florianópolis, 1868-1901)	0	0	1	1
<i>Pedro II</i> (Fortaleza, 1840-1889)	0	0	1	1
Outros jornais ¹⁰	30	22	45	97
TOTAL (61 jornais)	117	147	323	587

Fonte: Elaboração própria, com base nos dados da pesquisa. Os anos entre parênteses se referem ao início e ao fim da circulação do jornal disponíveis na HDB. Os nomes de agências buscados foram Havas, Reuters, Associated Press, Stefani, Fabra, Lejolvivet, Bullier e “Correspondencia Austriaca” (KKTK).

¹⁰ Os outros 38 jornais agrupados na penúltima linha da Tabela 1, para efeito de compactação, são *O Globo* (Rio, 1874-1883), *Diário de Notícias* (Rio, 1870-1872), *A Reforma* (Rio, 1869-1879), *A República* (Rio, 1870-1874), *Correio do Brazil* (Rio, 1871-1872), *A Atualidade* (Rio, 1859-1864), *O Correio da Tarde* (Rio, 1855-1862), *O Constitucional* (Rio, 1851-1864), *O Portuguez* (Rio, 1861-1865), revista *O Guanabara* (Rio, 1838-1855), *Jornal da Tarde* (Rio, 1869-1872); *Dezenove de Dezembro* (Curitiba, 1854-1890), *O Mercantil* (Florianópolis, 1861-1869), *O Constitucional* (Porto Alegre, 1871-1873); *Gazeta de Campinas* (Campinas, 1869-1888); *Treze de Maio* (Belém, 1840-1862), *Jornal do Pará* (Belém, 1862-1878), *A Época* (Belém, 1858-1859), *A Boa Nova* (Belém, 1871-1883); *A Imprensa* (São Luís, 1857-1862), *O Observador* (São Luís, 1847-1861), *O Estandarte* (São Luís, 1849-1856), *A Coalizão* (São Luís, 1862-1866), *A Nova Época* (São Luís, 1856-1858), *O Piauí* (Teresina, 1869-1873); *Jornal da Bahia* (Salvador, 1855-1877), *O Liberal* (Recife, 1872-1874), *A Constituição* (Fortaleza, 1863-1889); *Correio da Victoria* (Vitória, 1849-1872), *O Estandarte* (Vitória, 1868-1873), *Jornal da Victoria* (Vitória, 1864-1869); *Gazeta Oficial* (Belém, 1858-1866), *Correio Oficial de Goyaz* (Goiás Velho, 1837-1921), *Correio Oficial de Minas* (Ouro Preto, 1857-1860); e os jornais em francês *Courrier du Brésil* (Rio, 1854-1862), *L'Écho du Brésil* (Rio, 1859-1860), *La Gazette du Brésil* (Rio, 1867-1868) e *Ba-Ta-Clan* (Rio, 1867-1870).

Primeiras menções a agências de notícias na imprensa brasileira

A menção mais antiga a um despacho de agência de notícias na imprensa brasileira, pelo acervo da HDB, data de 13 de dezembro de 1851 no jornal carioca *A União* e cita informação da “correspondencia austríaca”, em minúsculas¹¹. Apesar da caixa baixa, o nome era usado pela *Österreichische Correspondenz* de Viena (futura KKTK). Isso serviu para delimitar a janela temporal da pesquisa, que ficou entre 1851 e 1874 – em termos práticos, os 23 anos anteriores à instalação do cabo telegráfico submarino do Atlântico Sul. Os resultados das buscas estão apresentados na Tabela 1.

Este achado não apenas contraria o marco inicial estabelecido pela historiografia canônica da imprensa brasileira (1874), mas antecipa até mesmo a data inicial que se previu ao longo da própria pesquisa, a princípio situada no ano de 1854, quando diversos jornais começaram a citar a Havas e a Lejolvivet francesas durante a cobertura da Guerra da Crimeia (1853-1856). Por várias razões, essa guerra é considerada o primeiro conflito armado da era moderna, com a aplicação das tecnologias industriais em larga escala: a ferrovia, a navegação a vapor, torpedos, artilharia de longo alcance, fuzis modernos e, para documentá-la, a fotografia e o telégrafo. Graças a essa última tecnologia, a imprensa cobriu a guerra com o mínimo de atraso no envio das notícias mais urgentes, ainda que relatos detalhados continuassem sendo enviados por carta, já que a linha ainda não cobria toda a distância até o *front* (FRÉDÉRIX, 1959, p. 49-59; READ, 1999, p. 17-18; LEFEBURE, 1992, p. 119).

Já em 1854, durante a guerra, um mesmo despacho da Havas sobre o cerco a Sebastopol é citado em diversos jornais, incluindo o *Correio Paulistano* (SP) e o *Correio Mercantil* (RJ), outro em *O Liberal Pernambucano* (PE) e *A União* (RJ) e um terceiro em *O Constitucional* (BA) e no *Publicador Maranhense* (MA)¹². A menção mais antiga à Havas aparece no jornal ricifense *O Liberal Pernambucano*, em 4 de maio de 1854, seguido nove dias depois pelo já citado *A União*. No ano seguinte, começam as reproduções da agência francesa no *Diário do Rio de Janeiro*¹³, o primeiro jornal diário do país. Em alguns casos, há lapsos de dias entre a

¹¹ P. 4, segunda coluna. Disponível em: memoria.bn.br/DocReader/014478/96.

¹² Disponíveis, respectivamente, em: memoria.bn.br/DocReader/090972_01/548; memoria.bn.br/DocReader/217280/9807; memoria.bn.br/DocReader/014478/550; memoria.bn.br/DocReader/749974/1008; memoria.bn.br/DocReader/823317/1294; memoria.bn.br/DocReader/705403/1895; e memoria.bn.br/DocReader/720089/5818.

¹³ Disponível em: memoria.bn.br/DocReader/094170_01/41401, terceira coluna.

publicação do mesmo despacho nos vários jornais, o que deve indicar a diferença de tempo de percurso dos navios entre os diferentes portos. No final de 1873, quando as capitais litorâneas de províncias já estavam conectadas pelos cabos costeiros, essa diferença temporal desaparece.

Na década de 1850, não há menções à Reuters nem à Associated Press entre os jornais da HDB¹⁴. Mas, em 1860, aparece a primeira menção à Reuters localizada no acervo, no mesmo *Diário do Rio de Janeiro*¹⁵, apenas nove anos depois da fundação da agência britânica (1851). Até 1858, a Reuters só fornecia boletins para clientes do mercado financeiro; somente naquele ano passou a ter jornais entre seus clientes, especialmente o *The Times*, de Londres (READ, 1999, p. 24).

Entretanto, a maior surpresa trazida pelos dados foi revelar que a KKTK, referida como “Correspondencia Austriaca” era relevante para a imprensa brasileira¹⁶. Hoje menos lembrada, essa agência ganhava muitas citações à época e era tida como informativa e confiável, ainda que alguns jornais fizessem questão de ressaltar seu caráter oficioso ou semi-oficial. É esse, por exemplo, o comentário do *Correio Mercantil*, do Rio, em fevereiro de 1853, ao citar nominalmente a agência de notícias do Império Austríaco para sustentar uma análise das relações diplomáticas entre os Habsburgos e o recém-proclamado Segundo Império de Napoleão III: “confirma por todos os lados a nossa opinião, visto ser esta folha o único órgão oficial do governo” (grifo do original)¹⁷. Mais tarde, a KKTK voltou a ser citada com frequência pelos jornais brasileiros na repercussão da intervenção francesa no México, onde em 1864 a França instalara como imperador o arquiduque austríaco Maximiliano de Habsburgo, primo de D. Pedro II que estivera no Brasil quatro anos antes, em 1860.

Se a Guerra da Crimeia foi o primeiro conflito moderno da era industrial, a Guerra de Secessão dos Estados Unidos (1861-1864) foi a primeira do tipo no continente americano. O uso extensivo da ferrovia, da fotografia e do telégrafo permitiu o trânsito acelerado das notícias sobre

¹⁴ A leitura dos jornais na HDB também identificou diversas menções a uma certa “Correspondência Prussiana”, que indícios sugerem tratar-se da Agência Wolff, de Berlim, originalmente chamada *Telegraphische Correspondenz-Bureau*. Entretanto, como não foi possível comprovar, com razoável grau de certeza, que eram a mesma agência (à diferença da Correspondência Austríaca, nome de fato usado pela KKTK), a pesquisa optou por excluir essa variável do conjunto de dados.

¹⁵ Como “Reuter”, em 4/12/1860, quarta coluna. Disponível em: memoria.bn.br/DocReader/094170_02/14149.

¹⁶ Vale lembrar que o imperador D. Pedro II era filho de uma arquiduquesa Habsburgo, D. Leopoldina, e primo de primeiro grau do *kaiser* Francisco José (1830-1916), o penúltimo monarca austríaco.

¹⁷ Em 11/2/1853, p. 1, segunda coluna. Disponível em: memoria.bn.br/DocReader/217280/7141.

o conflito, dessa vez, bem ilustradas. É durante essa guerra que a Associated Press começa a ser citada por jornais brasileiros. Em 1862, aparecem despachos da AP no *Correio Mercantil*, do Rio¹⁸, e em 1865, no *Diário do Rio de Janeiro* e no *Correio Paulistano*, que reproduz do anterior¹⁹. A agência, fundada em 1846 em Nova York como Harbor News Association e que só formalizaria o nome atual em 1867 (SCHWARZLOSE, 1980, p. 562), foi impedida de fornecer diretamente a jornais sul-americanos pelo cartel europeu, do qual era signatária como sócia menor, mesmo após a instalação do cabo submarino. Só entraria formalmente no mercado brasileiro em 1919, tendo o *Jornal do Brasil* como principal assinante (PALMER, 2019, p. 78)²⁰.

Em meados da década de 1860, algumas referências à Havas aparecem como “Agência Havas, Bullier & C.”, em referência ao serviço conjunto que a empresa de Paris forneceu com a Correspondance Bullier, do publicitário Louis Bullier, entre 1857 e 1870. O nome da agência, entretanto, não chegou a mudar.

Outra agência de notícias europeia citada pelos jornais brasileiros no período pesquisado é a espanhola Fabra, fundada em 1867 por Nil Maria Fabra i Delàs. Por 48 anos (1870 a 1918), apesar de ser uma empresa privada autônoma, a Fabra funcionou quase como uma subsidiária da Havas em Madri, tanto fornecendo notícias espanholas a Paris quanto redistribuindo os despachos da agência francesa entre os jornais ibéricos (Portugal só teria agência nacional no século XX). Nas matérias sobre a crise da monarquia espanhola (1868 e 1873), as insurreições carlistas (1872-1876) e as revoltas em São Domingos (1865) e Cuba (1868), a Fabra tornou-se fonte privilegiada para a imprensa²¹. A Fabra, junto às agências Febus e Faro, é uma das antecessoras da atual agência nacional espanhola, EFE, que tira seu nome das iniciais das três precedentes.

A análoga italiana da Fabra foi a Agenzia Stefani, fundada em 1853 em Turim por Guglielmo Stefani, sob incentivo do conde Camillo di Cavour, artífice da unificação da Itália.

¹⁸ Em 3/2/1862, p. 2, quarta coluna. Disponível em: memoria.bn.br/DocReader/217280/20054.

¹⁹ Em 31/8/1865, p. 3, primeira coluna. Disponível em: memoria.bn.br/DocReader/090972_02/1394.

²⁰ Como a ligação telegráfica entre a América do Norte e o Caribe já estava feita desde 1867-1871 e a ligação entre o Caribe e o norte do Brasil (via Guiana) ficou concluída em 1874, a partir dessa data, tecnicamente, a imprensa brasileira podia se comunicar diretamente com os EUA. Mas só em 1º de janeiro de 1919 o serviço da AP passou a ser formalmente recebido por jornais brasileiros: o *Jornal do Brasil*, o *Correio da Manhã* e o *Imparcial* (COOPER, 1942, p. 81).

²¹ Por analogia com as demais agências europeias, a pesquisa tentou buscas no acervo da HDB com o termo “correspondência hespanhola”, mas não localizou referências à Fabra.

Assim como a congênere espanhola, a Stefani funcionou em acordo de redistribuição com a Havas a partir de 1861, e teve metade de suas ações comprada pela agência francesa em 1867 (PALMER, 2019, p. 44). As guerras da Unificação Italiana (1859-1870) foram o principal fator a motivar seu uso. Ela já era citada pelo *Liberal Pernambucano* em 1856²² e pelo *Diário de Pernambuco* no ano seguinte²³. Voltou a aparecer só em 1870, nas páginas do *Jornal de Recife*²⁴ e do *Jornal do Commercio* carioca²⁵, em suas coberturas da criação da Itália unificada²⁶.

Outras agências de notícias existentes no mesmo período na Europa foram buscadas e não tiveram nenhuma ocorrência localizada na busca textual: as francesas *Correspondance Gromier* (1866-1887), *Correspondance Delaire*, *Correspondance Degouve-Denainques* e *Bulletin de Paris* (1848-1852); a dinamarquesa *Ritzaus* (não encontrada na HDB antes de 1874, só depois); as prussianas *Bösmans Telegraphen Büro* (1856-1928), *Herold Depeschenbüro* (1862-1928) e *Korrespondenz Hofmann* (1868-1917); a russa *Rússkoye Telegráfnoye Aguêntstvo* (ou “correspondência russa”²⁷; 1866-1882); e a estadunidense *Telegraphic and General News Association* (1850, que em 1857 se fundiu à Associated Press)²⁸.

Como pode ser visto na Tabela 1, o *Diário do Rio de Janeiro* se destaca entre os demais órgãos da imprensa por reproduzir mais material de agências e atribuir crédito nominal a elas antes da instalação do cabo telegráfico submarino. O número total de citações do DRJ a agências, 162, está consideravelmente acima da ordem de grandeza dos outros periódicos. Pelo elenco dos jornais na tabela (inclusive os compactados na nota de rodapé abaixo dela), percebe-se logo que a distribuição geográfica dessa prática é desigual: à exceção de São Paulo,

²² Em 30/8/1856, p. 1, terceira coluna. Disponível em: memoria.bn.br/DocReader/705403/4689.

²³ Em 15/1/1857, quarta coluna. Disponível em: memoria.bn.br/DocReader/029033_03/8471.

²⁴ Em 19/5/1870, primeira coluna. Disponível em: memoria.bn.br/DocReader/705110/5469.

²⁵ Em 6/5/1870, oitava coluna. Disponível em: memoria.bn.br/DocReader/364568_06/591.

²⁶ Vale o mesmo comentado quanto à Fabra para o termo “correspondencia italiana” em relação à Stefani.

²⁷ Em 9 de março de 1865, o *Correio Mercantil* menciona uma “correspondência russa”, que não poderia ser a RTA pelo simples fato de ela ainda não existir (disponível em: memoria.bn.br/DocReader/217280/24516). Em 1866, mesmo ano de criação da agência, a primeira da Rússia, o *Diário do Rio de Janeiro* comenta o caráter oficioso da RTA, mas não cita nenhum despacho ou informação que tenha sido por ela enviado: em 18/11, na p. 2, segunda coluna, disponível em: memoria.bn.br/DocReader/094170_02/21195.

²⁸ Muito citada, em particular, era a “Correspondência de Portugal”, ora em caixa baixa, ora em alta e baixa, sem que os jornais esclarecessem se a expressão designava um serviço particular específico ou apenas o conjunto das remessas de publicações e telegramas recebidos por navio daquele país. Consultas à HDB permitem encontrar diversas citações atribuídas a fontes assim denominadas. Houve um jornal lisboeta denominado *Correspondência de Portugal: jornal de notícias portuguesas e estrangeiras*, que circulou entre 1862 e 1880, intervalo temporal que coincide com as citações nos jornais disponíveis na HDB, mas não é possível confirmar se as menções encontradas se referem a ele.

Campinas, Teresina, Ouro Preto e Goiás Velho (as duas últimas eram então capitais de suas províncias), todas as demais cidades são portos marítimos²⁹. Esse dado reforça a observação de que a reprodução dos despachos de agências se dava por via indireta, ao republicarem informações dos jornais estrangeiros recebidos em navios. O *Jornal de Recife*, por exemplo, citava muito agências – provavelmente por ser baseado no primeiro porto de parada para os navios que vinham do Atlântico Norte³⁰. São relevantes também as quantidades de menções encontradas no *Diário de Pernambuco*, *Diário de S. Paulo* (1865-1878), *Jornal do Commercio carioca* e em *O Liberal do Pará*, de Belém³¹.

Vários desses jornais existiram por décadas, muito mais tempo que a média dos periódicos brasileiros do século XIX. Alguns, como o *Jornal do Commercio*, o *Correio Paulistano*, o *Jornal de Recife* e o *Diário do Maranhão*, duraram até o século XX. Desses, apenas o quase bicentenário *Diário de Pernambuco* ainda existe. Não surpreende que justamente esses, mais consolidados, com mais orçamento para assinar serviços noticiosos e com tiragens maiores, encabecem o *ranking* de menções a agências de notícias.

Os nomes dos jornais que serviam de intermediários são omitidos nas matérias reproduzidas, mas as agências são citadas nominalmente, o que indica uma importância atribuída às agências como fontes primárias da informação apurada. Na maior parte dos casos, os jornais brasileiros faziam menção única à agência, em despachos (telegramas) específicos. É provável que jornalistas incumbidos de transcrever jornais já fossem familiarizados com os nomes Havas, Lejolvivet e talvez Reuters, mas essas agências só passaram a ser nominalmente citadas nas matérias publicadas a partir da cobertura da Guerra da Crimeia.

Na década de 1850, as menções são esporádicas, aparecendo uma ou duas vezes por ano em cada jornal. Conflitos armados foram a principal motivação para a busca por notícias estrangeiras, e as agências já consolidadas estavam entre as melhores fontes para fornecer informações confiáveis e obtidas *in loco*. Finda a Guerra da Crimeia, a frequência de despachos

²⁹ Manaus, que é porto fluvial, não marítimo, não apareceu no intervalo pesquisado, mas entra na lista de cidades com jornais que citam agências em 1874, depois da instalação do cabo, que chegava até Belém.

³⁰ É digna de nota a posição privilegiada de Recife no litoral brasileiro, como primeiro porto de atracamento dos navios chegados da Europa. Com isso, a imprensa pernambucana era a primeira a receber jornais europeus, que por sua vez já citavam extensivamente os serviços de agências de notícias europeias, e podia reproduzi-los em suas próprias páginas.

³¹ O jornal citado não é o mesmo que o atual *O Liberal*, fundado em 1946 por Joaquim de Magalhães Barata, ex-interventor no Pará, e comprado em 1966 por Romulo Maiorana, publicitário pernambucano radicado em Belém.

européus diminuí, até ser retomada com as notícias da Guerra Austro-Sarda (segunda guerra de unificação italiana), em 1859, e da intervenção francesa no México (1861), que provocou uma guerra estendida até 1867. As agências de notícias estrangeiras não estiveram presentes na cobertura da Guerra do Paraguai (1865-1870)³². Em 1866, a Guerra Austro-Prussiana e a terceira guerra de unificação italiana já não motivam muitas citações. Mas, em 1868, a deposição da rainha Isabel II da Espanha e a posterior proclamação da I República Espanhola (que durou até 1874) ensejam nova leva de despachos da Fabra e da Havas. Em 1869, são notícias da guerra de independência da República Dominicana que concentram as citações de agências nos jornais brasileiros. Finalmente, a partir de julho de 1870, o noticiário estrangeiro é dominado pelos desdobramentos da Guerra Franco-Prussiana. A partir de 1871, as notícias dos fatos subsequentes dessa guerra – a unificação da Alemanha e a Comuna de Paris – retomam a demanda pelo noticiário internacional, e a frequência de citações a agências volta a aumentar. De 1872 a 1876, aparecem também notícias sobre a Terceira Guerra Carlista na Espanha. Ainda assim, às vésperas da instalação do cabo, as citações às agências estrangeiras são dispersas, não passando de três ou quatro ao ano – com exceção do *Diário do Rio de Janeiro*.

Vale comentar também que, embora os números para o período 1854-1874 pareçam muito baixos para indicar frequência de citação, muitos dos jornais analisados não eram de periodicidade diária, mas semanal, quinzenal e alguns até mensal, o que reduz significativamente o universo amostral das edições (isto é, são tantas menções dentro de 52, 26 ou 12 edições por ano, em lugar de 365).

O fluxo ocorria também no sentido contrário, do Brasil para a Europa, combinando o percurso naval com o telegráfico, embora em menor escala. E as agências em Londres, Paris e Nova York tinham plena ciência do aproveitamento de seus textos feito por jornais sul-americanos, tanto que, mesmo antes de a conexão telegráfica ser instalada, contrataram correspondentes em capitais ou cidades litorâneas da América, inclusive o Rio de Janeiro (BOYD-BARRETT, 1980, p. 222; DESBORDES, 2008, p. 125).

Parecia mais importante vender informações no subcontinente do que dele obter informações. No entanto, embora pequenas, parecem ter sido coletadas

³² Embora já houvesse linhas ao longo da costa, o interior do continente, na bacia hidrográfica Prata-Paraná-Paraguai, teatro de operações e frente de batalha, era ainda desconectado do telégrafo. As comunicações, como as da era colonial, eram sinônimo de transporte, dependendo especialmente da navegação fluvial.



algumas notícias da imprensa, especialmente no Brasil, que mantinha forte vínculo político e comercial com o Reino Unido desde a época da independência. O Rio de Janeiro rapidamente se tornou um próspero centro para os serviços da Reuters, e o primeiro telegrama creditado da Reuters a lidar com episódios políticos da América do Sul e publicado pela imprensa de Londres comprova isso. O despacho, vindo do Rio de Janeiro pelo porto francês de Le Havre, em 18 de dezembro de 1858 (e publicado em 1859), tratava de uma reforma ministerial no gabinete brasileiro. (DESBORDES, 2008, p. 125; tradução minha)

Em 1873, o jornal capixaba *O Espírito-Santense* se queixa de que o correspondente da Reuters no Rio enviou a Londres um despacho “contendo um grosseiro ataque ao Barão de Mauá”, e comenta: “Reuter foi infeliz na escolha do seu agente do Rio de Janeiro, porque invectivas desta ordem não são a espécie de notícias que precisamos da capital brasileira”³³.

Molina (2015, p. 397), que critica o erro de datas de Werneck Sodré, comete ele mesmo um equívoco ao assinalar o dia 22 de julho, e não junho, como sendo da inauguração do cabo submarino. O cabo foi instalado em 22 de junho de 1874 – chegando a Recife e, de lá, conectado à rede costeira já existente –, mas o serviço conjunto da Havas com a Reuters só começou a ser distribuído para os jornais mais de um mês depois, a partir de 25 de julho do mesmo ano. A publicação de despachos da Havas começa no *Jornal do Commercio* em 25/7; no *Diário de Pernambuco*, em 27/7; e, no *Diário do Rio de Janeiro*, em 20/12. No intervalo desde 22/6, quase todos esses jornais já publicavam cotações de café, ouro e moedas, além de despachos noticiosos fornecidos pela Agência Americana Telegraphica, brasileira, fundada em janeiro daquele mesmo ano – a primeira agência de notícias brasileira.

Considerações finais

Como se pôde demonstrar, o jornalismo no Brasil no século XIX já aproveitava material de agências de notícias desde 20 anos antes da instalação do cabo telegráfico submarino do Atlântico Sul. Mesmo sem os cabos internacionais, os despachos de agências estrangeiras eram recebidos e reproduzidos na imprensa brasileira por via indireta. Parte significativa deles era reproduzida por meio de outros jornais, na prática que Matheus (2011, p. 8) denomina “compilação” – muito comum não só no século XIX como até hoje, com a facilitação do acesso a jornais e *websites* distantes proporcionada pela internet. Isto é especialmente válido para

³³ Em 14/6/1873, à p. 3, primeira coluna. Disponível em: memoria.bn.br/DocReader/217611/859.



jornais de Pernambuco (o *Jornal de Recife*, *O Liberal Pernambucano* e o *Diário de Pernambuco*), devido à sua posição geográfica, como antecipara Molina (2015, p. 402), mas não em relação ao telégrafo elétrico, como o autor supôs, e sim, no período pré-telegráfico.

É bom frisar que a prática de citar agências indiretamente, por meio dos jornais impressos trazidos de navio, não foi simplesmente abolida a partir de 1874, como já tinha sido sugerido por Barbosa (2010, p. 75):

Há que se acrescentar ainda que a introdução da nova tecnologia, que permite certa compressão do tempo, não significa a substituição total das notícias recebidas pelas fontes tradicionais. Dos navios que aportam na corte, continuam sendo recebidos os periódicos dos quais se reproduzem as informações e, sobretudo, as notícias que ainda “corriam léguas”. Um modo novo de comunicação não significa a extinção de um modo mais antigo. (BARBOSA, 2010, p. 75)

Da mesma forma, a oferta dos serviços de agências com a instalação do cabo não significa que a imprensa brasileira em seu conjunto tenha aderido de forma generalizada. Como já alertara Matheus (2013, p. 252), “é preciso colocar em suspeição a centralidade da Havas no processo de incorporação do telégrafo às práticas jornalísticas, como consagrado pela literatura de história da imprensa”. Poucos foram os jornais que se tornaram clientes da Havas (até 1876, parceria Havas-Reuter), e entre eles estão o *Diário de Pernambuco* e os cariocas *Jornal do Commercio* e *Gazeta de Notícias* (fundada em 1875). A maioria, mesmo após a instalação do cabo submarino, manteve a prática de citar as agências “embutidas” no texto dos jornais reproduzidos – o que, afinal, era de graça. O *Diário de Pernambuco*, por exemplo, era um dos mais citados por jornais de outras províncias, como o Pará, o Maranhão e a Bahia. A diferença, depois de 1874, é que entre esses jornais não estavam apenas títulos estrangeiros, mas também alguns nacionais, especialmente do Rio de Janeiro e de Recife.

Assim, espera-se que reste evidente a constatação de que o aproveitamento do material das agências de notícias estrangeiras pela imprensa brasileira não foi uma mudança repentina iniciada em 1874, como sugere a historiografia canônica até aqui consolidada, mas sim um processo gradual e paulatino iniciado mais de 20 anos antes. Da mesma forma, a influência dessas empresas (sobretudo europeias) no jornalismo brasileiro foi sendo exercida aos poucos, com tempo para incorporá-la às rotinas de produção dos jornais e à cultura profissional, e não de forma

brusca a partir de um marco tecnológico que foi a instalação do cabo telegráfico submarino Recife-Carcavelos.

Referências

ALBERT, Pierre; FEYEL, Gilles; PICARD, Jean-François. **Documents pour l'histoire de la presse nationale aux XIXe et XXe siècles**. Paris: Centre de Documentation Sciences Humaines, 1977.

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica: história da imprensa brasileira**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009. v. 1.

BAHIA, Juarez. **Três fases da imprensa brasileira**. Santos, SP: Presença, 1960.

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa no Brasil: 1800-1900**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BRESSON, Jacques. Réflexions statistiques sur les SA en France. **Revue d'Histoire et de Prospective du Management**, v. 2, n. 5, p. 47-60, jan./juin. 2017. Disponível em: https://www.academia.edu/40373113/REVUE_DHISTOIRE_ET_DE_PROSPECTIVE_DU_MANAGEMENT.

COOPER, Kent. **Barriers down: the story of the news agency epoch**. New York: Farrar & Rinehart, 1942.

DESBORDES, Rhoda. Representing 'Informal Empire' in the Nineteenth Century. **Media History**, v. 14, n. 2, p. 121-139, 2008. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/249002454_REPRESENTING_'INFORMAL_EMPIRE'_IN_THE_NINETEENTH_CENTURY. Acesso em: jan. 2020.

FRÉDÉRIX, Pierre. **Un siècle de chasse aux nouvelles: de l'agence d'information Havas à l'Agence France-Presse**. Paris: Flammarion, 1959.

GABLER, Louise. Repartição dos Telégrafos. Dicionário da Administração Pública Brasileira, **MAPA-Memória da Administração Pública Brasileira**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 11 nov. 2016. Disponível em: <http://mapa.an.gov.br/index.php/menu-de-categorias-2/336-reparticao-dos-telegrafos>. Acesso em: jun. 2022.

LEFEBURE, Antoine. **Havas: les arcanes du pouvoir**. Paris: Grasset, 1992.

MATHEUS, Leticia Cantarela. A movimentação telegráfica de imprensa no século XIX. **Postais: Revista do Museu Nacional dos Correios, Brasília**, v. 1, n.1, jan./jul. 2013.

MATHEUS, Leticia Cantarella. O jornalismo e o sistema telegráfico no Brasil no final do século XIX. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 35., 2012, Fortaleza. **Anais** [...]. São Paulo: Intercom, 2012. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/R7-0668-1.pdf>. Acesso em: jan. 2020.

MATHEUS, Leticia Cantarella. O telégrafo no jornalismo do século XIX (1870-1900). ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 8., 2011. **Anais** [...]. Guarapuava (PR): Unicentro, 2011. Disponível em: http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/8o-encontro-2011-1/artigos/O%20telegrafo%20no%20jornalismo%20do%20seculo%20XIX%20-1870-1900.pdf/at_download/file. Acesso em: jan. 2020.

MOLINA, Matías. **História dos jornais no Brasil: da era colonial à regência (1500-1840)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. v. 1.

PALMER, Michael. **International news agencies: a history**. Londres: Palgrave-McMillan, 2019.

RANTANEN, Terhi. **When news was new**. Chichester (Reino Unido): Wiley-Blackwell, 2009.

READ, Donald. **The Power of News: the history of Reuters**. 2ª ed. Londres: Oxford University Press, 1999.

SCHWARZLOSE, Richard. The Nation's First Wire Service: evidence supporting a footnote. **Journalism Quarterly**, v. 57, n. 4, p. 555-562, 1980. doi:10.1177/107769908005700401.

SILVA, Mauro Costa da; MOREIRA, Ildeu de Castro. A introdução da telegrafia elétrica no Brasil (1852-1870). **Revista da SBHC**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 47-62, jan./jul. 2007. Disponível em: https://www.sbhc.org.br/arquivo/download?ID_ARQUIVO=82. Acesso em: jan. 2020.

SILVA, Mauro Costa da; MOREIRA, Ildeu de Castro. Do nascimento à guerra: origens e motivações para o telégrafo. **Postais: Revista do Museu Nacional dos Correios**, Brasília, v. 1, n.1, jan./jul. 2013.

TELEGRAPHIA ELETRICA. **Correio Mercantil**, Rio de Janeiro, ano 25, n. 224, p. 2, 14 ago. 1868. Disponível em: segunda coluna: <http://memoria.bn.br/docreader/217280/29460>. Acesso em: jan. 2020.

WERNECK SODRÉ, Nelson. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

Submetido em: 10.01.2021

Aprovado em: 19.05.2022